

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO  
HUMANO**

**Carla da Silva Ferreira**

**MULHERES PRATICANTES DE *MUAY THAI* NUMA ACADEMIA DE REDE:  
ESTUDO ETNOGRÁFICO NUMA PERSPECTIVA CONFIGURACIONAL**

Porto Alegre

2023

**Carla da Silva Ferreira**

**MULHERES PRATICANTES DE *MUAY THAI* NUMA ACADEMIA DE REDE:  
ESTUDO ETNOGRÁFICO NUMA PERSPECTIVA CONFIGURACIONAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw

Porto Alegre  
2023

## CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Carla da Silva  
MULHERES PRATICANTES DE MUAY THAI NUMA ACADEMIA DE  
REDE: ESTUDO ETNOGRÁFICO NUMA PERSPECTIVA  
CONFIGURACIONAL / Carla da Silva Ferreira. -- 2023.  
125 f.  
Orientador: Mauro Myskiw.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa  
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,  
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Mulheres. 2. Muay Thai. 3. Teoria  
configuracional. 4. Etnografia. 5. Academia de  
fitness. I. Myskiw, Mauro, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Carla da Silva Ferreira**

**MULHERES PRATICANTES DE *MUAY THAI* NUMA ACADEMIA DE REDE:  
ESTUDO ETNOGRÁFICO NUMA PERSPECTIVA CONFIGURACIONAL**

**SESSÃO DE DEFESA**

Avaliação: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Raquel da Silveira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Ariane Corrêa Pacheco  
Universidade Federal de Santa Maria

---

Profa. Dra. Ileana Wenez  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dr. Mauro Myskiw  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 22 de dezembro de 2023

## AGRADECIMENTOS

Inicio essa sessão agradecendo a minha família, minha base, que em diversos momentos tiveram que entender muitas das minhas ausências, seja física ou de atenção. A minha filha amada, por ser meu combustível diário de motivação, é uma dádiva acompanhar teu crescimento e perceber que em vários momentos difíceis tu foste meu ombro, te amo meu raio de sol. Ao meu enteado João (ou Jonh Jonh), meu super herói favorito e o melhor contador de histórias, por entender que “a tia Carla está sempre trabalhando no computador”. E ao Caco, meu doce amor, meu companheiro de vida, poderia escrever um livro de agradecimentos a ele. Embarcou comigo nessa jornada maluca que é o mestrado, me dando todo o suporte. Tu foi a pessoa que sentiu de perto o que foi essa jornada, muitas vezes secando minhas lágrimas e me dando abraços recheados de carinho que foram meu combustível para seguir, não foi nada fácil, mas conseguimos. Obrigada por todas as conversas, as dúvidas sanadas de gramática e as milhares de leituras do meu trabalho, obrigada por ser quem tu és, nada disso seria possível sem o teu apoio, te amo. Amo vocês!

Agradecer a minha mãe e minha avó (in memorian), duas grandes mulheres, meus exemplos, que me ensinaram o sentido de ser forte e resiliente. Vocês são a minha base, obrigada por incentivarem a sempre buscar o meu lugar. Aos meus sogros João e Sandra por todo apoio, cuidado e compreensão durante meus estudos.

Agradeço às minhas amigas e amigos, por fazerem eu acreditar em mim e tornar por meio de encontros (raros) e breves essa jornada mais leve. Em especial as minhas amigas, que fizeram parte dessa pesquisa, que estão desde a graduação comigo, obrigada pela nossa amizade de parceria e afeto.

As minhas alunas e alunos, pela empatia e por dividir comigo os momentos de ansiedades e alegrias, tornando os nossos encontros um momento de cumplicidade e carinho.

A Academia de fitness por oportunizar meu trabalho e essa pesquisa. As alunas e alunos de *Muay Thai* pela acolhida e receptividade, me possibilitando uma diversidade de conhecimentos. Ao professor por sempre ser meu “aliado” nessa pesquisa, foi fundamental para minha entrada nesse universo do *Muay Thai*. A todos: Muito Obrigada!

Ao Grupo de Estudos em Sociologia do Esporte (GESOE), meu carinho especial, ao qual faço parte desde a sua criação em 2019 e desde então tem contribuído para minha formação acadêmica e profissional. Em especial ao Professor Dr. Flávio Py Mariante Neto, por nos propor sempre sair da zona de conforto e acreditar no nosso potencial enquanto grupo e enquanto indivíduos. Ao Professor Dr. Daniel Giordani Vasques, por compartilhar tanto conhecimento e atenção. Ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), pela acolhida, pelos debates e reflexões.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel da Silveira, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ariane Pacheco e a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ileana Wenz por aceitarem compor a banca de defesa da minha dissertação.

Obrigada professoras e professores do programa de Pós-Graduação Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelos ensinamentos e acolhimento. A Cristiane e Márcia pela atenção de sempre, e a todos os funcionários que formam a ESEFID e a UFRGS. E a todos colegas e não colegas que tive o privilégio de estar próxima, nem que seja para trocar algumas palavras, obrigada. Essas trocas de experiências fazem a diferença nesse processo da pós-graduação que é mais individual.

Por fim, gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Professor Dr. Mauro Myskiw, por todos os ensinamentos, por tanto conhecimento compartilhado e sempre com muita paciência. Tua humildade e coração generoso são verdadeiramente inspiradores. Mesmo diante de momentos difíceis, tua presença constante e apoio inabalável nunca titubearam. Prof. teu legado de empatia, dedicação e humanidade continuará a inspirar e impactar vidas por muitos anos.

## MULHERES PRATICANTES DE *MUAY THAI* NUMA ACADEMIA DE REDE: ESTUDO ETNOGRÁFICO NUMA PERSPECTIVA CONFIGURACIONAL

Autora:  
Carla da Silva Ferreira

Orientador:  
Mauro Myskiw

### RESUMO

Historicamente as mulheres apresentam uma difícil jornada de inúmeras barreiras sociais para participar de esportes, e principalmente no que se refere às modalidades de lutas. Contudo, mesmo com essas inúmeras barreiras, as mulheres estão se inserindo nesses espaços/esportes socialmente considerados como masculinos. Assim, a presença de mulheres nesses diversos espaços/esportes possibilita uma série de análises com foco na compreensão da organização da sociedade. Portanto, este trabalho, numa perspectiva etnográfica, teve como objetivo compreender como e porquê a participação e permanência de mulheres se destaca nas aulas de *Muay Thai* numa unidade de uma 'Academia de Rede' localizada em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre. A experiência etnográfica foi desenvolvida na convivência com as praticantes de *Muay Thai* com o propósito de aprender de perto e dentro relacionando com conceitos e formulações teóricas da sociologia configuracional elisiana. A dissertação de mestrado está estruturada conforme o modelo escandinavo e está composta por três artigos: o primeiro traz um ensaio com os principais pontos de críticas, interlocuções e de intercâmbios que estão sendo discutidas fora do Brasil sobre a aproximação da sociologia configuracional com as questões de gênero; o segundo apresenta descrições etnográficas sobre as relações de interdependência que colaboram na compreensão da participação e a permanência de mulheres que estão engajadas nas aulas de *Muay Thai*; e o terceiro como as mulheres que protagonizam essa presença e permanência vão construindo suas identidades. Além dos elementos textuais introdutórios e de conclusão que compõem também essa dissertação.

**Palavras-chave:** Mulheres; Etnografia; Sociologia Configuracional; Academia; Muay Thai.

# WOMEN PRACTICING MUAY THAI IN A NETWORK GYM: ETHNOGRAPHIC STUDY FROM A CONFIGURATIONAL PERSPECTIVE

Author:  
Carla da Silva Ferreira

Advisor:  
Mauro Myskiw

## ABSTRACT

Historically, women have had a difficult journey with countless social barriers to participating in sports, especially when it comes to fighting. However, even with these countless barriers, women are entering these spaces/sports that are socially considered masculine. Thus, the presence of women in these different spaces/sports allows for a series of analyzes focused on understanding the organization of society. Therefore, this work, from an ethnographic perspective, aimed to understand how and why the participation and permanence of women stands out in *Muay Thai* classes in a unit of a 'Network Academy' located in a city in the metropolitan region of Porto Alegre. The ethnographic experience was developed in coexistence with *Muay Thai* practitioners with the purpose of learning closely and in relation to concepts and theoretical formulations of Elisian configurational sociology. The master's thesis is structured according to the Scandinavian model and is composed of three articles: the first brings an essay with the main points of criticism, interlocutions and exchanges that are being discussed outside Brazil regarding the approach of configurational sociology to issues of gender; the second presents ethnographic descriptions of the relationships of interdependence that contribute to understanding the participation and permanence of women who are engaged in *Muay Thai* classes; and the third, how the women who lead this presence and permanence build their identities. In addition to the introductory and concluding textual elements that also make up this dissertation.

**Keywords:** Woman; Ethnography; Configurational Sociology; Academy; Muay Thai.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>ARTIGO 1</b>	<b>16</b>
PROVOCAÇÕES NO USO DA SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL NO ESTUDO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPORTE: TRILHANDO EM CRÍTICAS, INTERLOCUÇÕES E POSSIBILIDADES	16
1 INTRODUÇÃO	17
2 EQUILÍBRIO DAS RELAÇÕES ENTRE SEXOS	19
3 INTERLOCUÇÕES E INTERCÂMBIOS INICIAIS	23
4 DEBATES SOBRE OS PRIMEIROS INTERCÂMBIOS	27
5 CONTRIBUIÇÕES DOS INTERCÂMBIOS E POSSIBILIDADES	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
7 REFERÊNCIAS	38
<b>ARTIGO 2</b>	<b>41</b>
PARTICIPAÇÃO ENGAJADA DE MULHERES NAS AULAS DE MUAY THAI: ETNOGRAFIA NA CONFIGURAÇÃO DE UMA 'ACADEMIA DE REDE'	41
1 INTRODUÇÃO	42
2 METODOLOGIA	46
3 RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA NA 'ACADEMIA DE REDE'	49
3.1 Relações de negócios, emprego, trabalho e renda	50
3.2 Relações de aulas e treinos em modalidades de práticas	59
3.3 Relações de sociabilidade, pertencimento e cuidado	67
4 RETOMANDO E APONTANDO PISTAS PARA DEBATES ACADÊMICAS/OS	72
5 REFERÊNCIAS	77
<b>ARTIGO 3</b>	<b>81</b>
MUAY THAI "ETIQUETADO" E FORMAS DE SER MULHER NAS LUTAS: ETNOGRAFIA DAS RELAÇÕES COM A DOR, CANSAÇO E RECEIO DE MACHUCAR EM AULAS DE MUAY THAI NUMA ACADEMIA	81
1 INTRODUÇÃO	82
2 UMA ETNOGRAFIA 'NAS AULAS-TREINOS' DE MUAY THAI	85
2.1 A construção da situação etnográfica	86
2.2 A produção das observações, dos diários e do texto etnográfico	91
3 MUAY THAI 'ETIQUETADO' NOS ROUNDS E SPARRINGS	92
3.1 Pode falar, mas não pode 'se render' à dor e ao cansaço	94
3.2 Quem define é tu, se pesar mais nos golpes, vai levar mais golpes	98
4 RETOMANDO DEBATES E CONCLUINDO	106
5 REFERÊNCIAS	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

Quando entendemos que as nossas escolhas e atitudes se relacionam com nossas vivências em distintas configurações, muitas coisas começam a fazer sentido e a ser problematizadas. Afirmo isso porque, antes mesmo de ajustar meu foco de análise e tentar compreender como as mulheres se mantêm praticando uma arte marcial, os questionamentos sobre a mulher nas relações sociais sempre se fizeram presentes na minha vida. Quando era criança debatia com os adultos da família sobre a diferenciação das brincadeiras de menina e de menino, no incentivo à liberdade dado aos meninos para que explorassem o mundo, para que fossem valentes e corajosos, enquanto eu, uma menina, até poderia participar de brincadeiras consideradas de menino, mas com vários limites e nenhum um tipo de incentivo à liberdade. Na escola, nas aulas de Educação Física, essas diferenças eram reforçadas quando as meninas tinham que pedir ou quase implorar ao professor para que pudessem praticar atividades, sendo que aos meninos essas práticas já eram garantidas. Na minha ingenuidade infantil esses questionamentos ainda eram movidos somente pelo sentimento de não ter os mesmos acessos que os meninos.

Na adolescência fui mãe de uma menina e, juntamente com a compreensão de ser mulher-mãe, nasceram vários sentimentos e necessidades. Entre os sentimentos de euforia e amor surgiram também os medos. Medo de ter uma filha em um mundo machista, preconceituoso, violento com as mulheres e a necessidade de lhe explicar diariamente sobre a luta incansável por direitos e oportunidades iguais e de que temos que desconstruir o machismo estrutural que a sociedade nos impõe. Mas, ao mesmo tempo que o medo se instaurava, emergia o sentimento mais poderoso de todos, a forma mais incrível de amor, que nos impulsiona a seguirmos nossa luta enquanto mulheres, e não aceitando o lugar que nos é imposto, mas exigindo o lugar desejado e merecido, apesar de todo preconceito.

Dentre essas vivências e anseios fui construindo meu olhar sobre a sociedade, mas foi somente na Universidade, ao longo do curso de Educação Física da Universidade Luterana do Brasil, que tive contato com as primeiras leituras sociológicas, ao participar do Grupo de Estudos em Sociologia do Esporte (GESOE) desde o ano de 2019. Foi a partir das reuniões, leituras e discussões acerca de

temas como organizações políticas, funcionamento das sociedades, as opressões e relações de poder, que ampliaram meus questionamentos. Nesse ambiente de trocas fui reafirmando a relevância do senso crítico e a importância de me entender como parte de todo o processo.

Foi nesse grupo de pesquisa que conheci a teoria do Processo Civilizador, por meio das obras de Norbert Elias, como *A Busca da Excitação* (ELIAS, DUNNING, 1992) e *O Processo Civilizador: uma história dos costumes* (ELIAS, 1994). Tais obras, que compõem uma proposta conhecida de sociologia configuracional, despertaram reflexões sobre as transformações comportamentais nas práticas corporais e aguçaram meu interesse, que agora no lugar de pesquisadora, entender sobre as mulheres, e mais precisamente aqui nesta pesquisa, a configuração das lutas. Mesmo sem nunca ter frequentado uma aula de luta, me sinto representada pelas mulheres que assim o fazem, adentrando em espaços/práticas corporais socialmente considerados mais apropriados aos homens, seus tensionamentos, suas manifestações de resiliência e enfrentamentos no campo das práticas corporais se entrelaçam com o meu entendimento de que temos de ir além, mesmo com todas as cobranças, a falta de respeito e de liberdades conferidas às predeterminações de gênero.

Concordando com Goellner (2005), que versa sobre a escolha de um tema de pesquisa estar atrelado à questões políticas e motivação pessoal, me coloco aqui nessa pesquisa como alguém que viveu e vive ainda essas diferenças, que percebe o preconceito e a desigualdade de gênero, sendo meu propósito compreender uma configuração específica dessas mulheres lutadoras. Me refiro às mulheres que 'fazem aula' de Muay Thai numa unidade de 'Academia de Rede'. Nessa Academia, num espaço de aproximadamente 20m<sup>2</sup>, de um modo 'adaptado', são realizadas aulas conduzidas por um professor, oferecidas no formato de turmas (duas vezes por semana no mesmo horário) ou por contratação desse profissional como *Personal Fight Trainer* para aulas individualizadas e/ou em grupos de até duas pessoas.

Ademais, outra situação que contribuiu para a organização desta pesquisa, foi a minha aproximação com os debates desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com reconhecida tradição em etnografias. Esses momentos de trocas e acesso à produções das/os colegas no âmbito do esporte, lazer e políticas públicas e questões de gênero, foram me possibilitando reflexões acerca

das temáticas acima citadas, fato que igualmente contribuiu para a construção desse projeto.

Partindo das leituras das obras de Norbert Elias como base, e reconhecendo a ausência de debates acerca das questões de gênero, me vi em um grande desafio. É possível lançar mão da teoria configuracional para compreender as relações de gênero? Inicialmente achei que fosse impossível, afinal, nunca tinha acessado um trabalho pela ótica de Elias que tivesse essa proposta. Nas suas obras pouco se fala sobre as relações de homens e mulheres. E depois, ao acessar a literatura, me deparei com um cenário de críticas, em que muitos desses apontamentos são feitos pela autora socióloga feminista Jennifer Hargreaves, onde sugere que a sociologia configuracional elisiana é omissa às questões de gênero, considerando sua posição epistemológica de distanciamento (ideal de objetividade e neutralidade), quando não se posiciona de forma moral e ideológica e que o conceito envolvimento-distanciamento, estaria calcado no pretexto de uma neutralidade, apoiando assim, implicitamente, ideias conservadoras. Como uma iniciante no mundo acadêmico, me vi no meio de um debate sensível e complexo em se tratando de gênero.

Nos meus primeiros garimpos, encontrei alguns estudos que se pautaram na abordagem teórico-metodológica elisiana, como o de Pinheiro (2014) que analisou o debate que tem sido realizado sobre a possibilidade de articular as perspectivas figuracionais e feministas sobre estudo de gênero e do esporte, colocando a teoria configuracional como uma possibilidade de oferecer uma análise às relações de gênero/poder dentro do esporte. Neste estudo também pude ter acesso há uma operacionalização do que por ela foi denominado de as 'principais tensões' entre as abordagens configuracionais e feministas, apresentando a noção de envolvimento-distanciamento, que será desenvolvida no primeiro artigo que compõe essa dissertação, como uma possibilidade de articulação entre as duas abordagens.

Outrossim, o momento primordial foi quando acessei o estudo da autora Florence Delmotte (2022), e entendi que existem pesquisadoras/es de longa data, que trabalham em conjunto com essa autora, fazendo o movimento de aproximar a teoria da sociologia configuracional de Elias, às questões de gênero. Nessa esteira, fui acessando outros estudos que estiveram interessados na investigação sobre sexo/gênero, esporte e Educação Física, fazendo uso ou relacionando a sociologia configuracional (MANSFIELD, 2007; COLWELL, 1999; LISTON, 2007,2018).

Essa trajetória de estudos criou condições de possibilidades para que eu pudesse compreender que existe há espaço para aproximações da teoria de Norbert Elias com questões de gênero. Na visão de Liston (2018) o fato de ter um maior número de pesquisas realizadas por mulheres tem contribuído para o uso de ideias e conceitos sensibilizadores de ambas as abordagens, da sociologia configuracional e dos feminismos. Assim, essa trajetória corroborou com a minha inquietação acadêmica em dois pontos, quais sejam: compreender o que implica a maior participação de mulheres na prática de lutas, um campo representado como privilegiado para construção de uma masculinidade normalizada, e posteriormente, aliar a teoria elisiana nas questões de gênero.

A partir desses dois pontos, construí como objetivo geral da pesquisa analisar relações de interdependência que constituem a configuração de uma unidade de uma 'Academia de Rede' de ginástica onde a participação e a permanência de mulheres se destacavam nas aulas-treinos de *Muay Thai*. Para desenvolver a pesquisa, optei pela realização de uma etnografia com o propósito de aprender de perto e de dentro (MAGNANI, 2002), num sentido de produzir, por meio de descrições como aconteceu meu contato e minhas aprendizagens naquela configuração da unidade da Academia, buscando entendimentos novos ou, pelo menos, novas pistas sobre a presença e participação protagonista de mulheres em práticas de lutas. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAAE: 64416122.0.0000.5347).

Como resultado da pesquisa, desenvolvi um ensaio baseado em trabalhos interessados na investigação sobre sexo/gênero, esporte e Educação Física pautados na óptica teórico-metodológica da obra de Norbert Elias, bem como foram produzidos dois textos etnográficos que se desenvolveram relacionando conceitos e formulações teóricas da sociologia configuracional *elisiana*, com os dados empíricos produzidos em campo numa perspectiva de colaborar nas reflexões no âmbito da Educação Física, especificamente a respeito das relações de gênero na configuração das lutas.

A presente dissertação será apresentada no formato de três artigos, isto é, no modelo escandinavo, com a pretensão de publicá-los futuramente. Embora a estrutura do trabalho tenha sido a do formato de artigos, ou seja, cada um deles tem uma (a sua) organização (contam com apresentação, contextualização, problematização, demarcação das trajetórias metodológicas, descrição e análise da

experiência de pesquisa, considerações finais e referências), os estudos foram pensados e construídos de forma integrada, com o foco de olhar para uma configuração de uma unidade de uma 'Academia de Rede' numa cidade da região metropolitana de Porto Alegre em que mulheres estão engajadas em 'fazer aula' de *Muay Thai*.

O primeiro artigo é intitulado "Provocações no uso da sociologia configuracional no estudo das relações de gênero no esporte: trilhando em críticas, interlocuções e possibilidades". Este estudo se preocupou em trazer os principais pontos de críticas, interlocuções e de intercâmbios que estão sendo discutidas fora do Brasil sobre a aproximação da sociologia configuracional com as questões de gênero. Do ponto de vista operacional, para a concretização desse trabalho na forma de ensaio, tendo em vista a sua amplitude, localizamos e escolhemos alguns/mas interlocutores/as considerados/as chaves. Em seguida, tratamos das primeiras interlocuções entre autores das sociologias feministas e configuracional, com desdobramentos em um primeiro esforço de sintetização/conciliação, depois disso, passamos a abordar os debates, também críticos, gerados pela tentativa de aproximação entre as sociologias, até chegarmos nas contribuições desse percurso de debates no campo da sociologia configuracional e do esporte. A partir dessa sistematização, ao longo do texto, elaboramos quatro quadros com intenção de demonstrar a trilha analítica que sustenta o ensaio, compondo os principais aprendizados, os desafios diante das críticas sobre o limite das abordagens; os propósitos, teorias, questões e avaliações de valor nas/das abordagens feministas e configuracional no campo da sociologia do esporte e o que fomos aprendendo nos/dos debates acessados acerca dos usos da sociologia configuracional em estudos das relações de gênero no esporte. Por fim, foi apresentado 4 questões provocações para usos contemporâneos da sociologia configuracional em estudos de relações de gênero no esporte, apontando para uma possibilidade de diálogos como estes que foram apresentados.

O segundo artigo é intitulado "Participação engajada de mulheres em aulas de *Muay Thai*: Etnografia na configuração de uma 'Academia de Rede'". Este estudo apresenta uma descrição de dados produzidos a partir de uma experiência etnográfica. Essa reprodução foi desenvolvida com a intenção de descrever a construção da configuração de uma unidade de 'Academia de Rede', no sentido da obra de Norbert Elias, não como um processo histórico de longa duração, mas

centrado na identificação de elementos das relações de interdependência que colaboram na compreensão da participação e a permanência de mulheres que estão engajadas nas aulas de *Muay Thai*. A partir disso, foi sistematizado as descrições oriundas do campo como uma possibilidade de compreensão da presença de mulheres nessa configuração de práticas de luta, organizadas em subseções nas quais contêm descrições mais alargadas da configuração. Por fim, é retomado os debates sobre a noção de reserva masculina no esporte e a heterogeneidade das relações em práticas de Academia, que foram se mostrando importantes para compreensão da participação e permanência das mulheres nas aulas de *Muay Thai*, num sentido de demonstrar o que foi apreendido com outras teorias e trabalhos, buscando, ao final, novos entendimentos ou então pistas.

O terceiro artigo é intitulado “*Muay Thai* “etiquetado” e formas de ser mulher nas lutas: Etnografia das relações com a dor, cansaço e receio de machucar em aulas de *Muay Thai* numa academia”. Neste estudo, o objetivo foi compreender como as mulheres que protagonizam essa presença e permanência constroem suas identidades. A partir de uma experiência etnográfica, pude ir convivendo com diferentes mulheres, assim como também, observar e vivenciar as aulas-treinos em que fui sendo afetada pela questão de autocontrole emocional e de como ela estava colocada em duas etiquetas: pode falar, mas não pode se render a dor e ao cansaço e quem define é tu, se pesar mais nos golpes, vai levar mais golpes. Assim, essa pesquisa pode ser entendida como uma espécie de etnografia de etiquetas. Portanto, tomando o estudo das etiquetas como questão articuladora das análises e interpretações, avançamos num texto etnográfico que tem como referência teórico-metodológica a sociologia configuracional da obra de Norbert Elias, com a intenção de colaborar nas reflexões do campo da Educação Física, especificamente a respeito da sociologia configuracional de Norbert Elias e os estudos de gênero.

Ao final da leitura destes trabalhos, a expectativa é a de que seja possível compreender mais a respeito das relações de interdependência que constituem a configuração de uma unidade de uma 'Academia de Rede' de ginástica onde a participação e a permanência de mulheres se destacavam nas aulas-treinos de *Muay Thai*, fazendo isso no contexto dos debates sobre relações de gênero no esporte, especificamente nas modalidades de lutas.